

**Título:** Arquivos e Genealogias Juvenis

**Autor (a):** Rosângela da Luz Matos, UFC – Sociologia e EESP, Escola Estadual de Saúde Pública, Ba.

**endereço eletrônico:** [rosangela.matos@saude.ba.gov.br](mailto:rosangela.matos@saude.ba.gov.br)

(Mesa: Arquivos e genealogias juvenis: atuação comunitária, movimentos culturais e políticos em Salvador, Bahia)

## **I– TOMAR A PALAVRA, CONTAR UMA HISTÓRIA.**

A pesquisa tomou por campo empírico uma Organização Não-Governamental – ONG, fundada em 1994 na cidade de Salvador, com o objetivo de criar uma instituição cuja arte fosse referência para os processos educativos, e de atenção integral aos jovens e adolescentes oriundos de escolas públicas e privadas, de diversas classes sociais, religiões e etnias.

O CRIA – Centro de Referência Integral ao Adolescente, como é denominada a ONG, dispara seus processos de formação para as artes através do teatro. Sua conformação tem estreita aproximação com experimentos de pesquisa e montagem de espetáculos realizados nos anos 1980 na cidade de Salvador, por um grupo de jovens universitários, que faziam formação em artes dramáticas, e, cuja militância na área de saúde e educação pública, comunitária e privada, os conduziu a formalização de suas ações numa ONG.

Inicialmente, o CRIA começa a funcionar com o apoio da Fundação *Mc Arthur*, instalando um centro de artes cênicas para adolescentes. Ocorre que no ano de inauguração da ONG, 1994, um número expressivo de pesquisas e espetáculos dramáticos já tinham se realizado. Jovens, adolescentes, professores e trabalhadores de saúde, da cidade de Salvador e do Estado da Bahia, já constituíam um coletivo em diálogo, identificando necessidades, formulando propostas de intervenção e executando a formação para as artes nessas instituições.

Decorre disso, o fato de que, o CRIA, quando foi inaugurado como ONG, já era reconhecido por sua presença viva na cidade de Salvador, nas escolas, nas unidades de saúde, na rede pública de formação de professores, nos espaços de formação de artes cênicas. A presença do CRIA na cidade traduzia-se em duas narrativas. Uma os espetáculos, seus atores, os roteiros, as cenografias, as músicas, os figurinos, as coreografias, o público. A outra narrativa se fazia a partir da biografia dos dirigentes da ONG, seu trabalho com as instituições públicas e privadas, sua rede de sociabilidade, sua penetração nas agências de financiamento a projetos de educação, arte e cidadania, sua formação universitária e artística.

O CRIA nasce, então, sob o signo de duas narrativas. Uma ligada as suas criações em artes dramáticas, a outra orientada a partir da biografia de seus dirigentes. A ONG, nesta perspectiva, se instala a partir de historicidades que podem ser narradas de modos diferentes, mas que funcionam uma com a outra.

Fazer teatro, para os dirigentes do CRIA, sempre esteve associado com os espaços públicos da cidade; as praças, as ruas, os largos, o patrimônio histórico e cultural do povo baiano. Fazer educação e saúde, tomando a arte como argumento, foi, desde o princípio, uma matriz política, uma militância, um modo de fazer história; de participar dos processos de construir a cidadania para si e para as populações juvenis.

Esta dupla narrativa inaugural da ONG foi um dos primeiros desdobramentos visíveis no percurso de pesquisa. Aliás, durante os primeiros meses de pesquisa, me era muito difícil compreender a confluência de linhas com as quais a ONG se constituía.

Decorre disso, a opção por um procedimento metodológico que me permitisse realizar cortes naqueles elementos que se apresentavam, no campo empírico. Em especial, as naturalizações acerca da formação em artes realizada numa ONG, para jovens. Foi, nessa perspectiva, que o objeto de análise formalizou-se. A questão que emerge do campo empírico diz respeito a constituição histórica da ONG e a historicidade que os jovens narram de si a partir do fazer arte, do ser artista, do viver com arte.

Então, fazer a pesquisa, não significava exatamente ter acesso a história da instituição, ao método de arte-educação, a hierarquia institucional, a disciplina de criação, ao planejamento, a captação de recursos, o espaço físico, às redes de arte, cultura e cidadania a que a ONG estava ligada, aos jovens, a suas famílias etc. Fazer pesquisa, numa dimensão histórica, significava perguntar como a instituição se narra, o que ela narra e através de que discursos; por meio de quais documentos ela funda uma historicidade para si.

Do mesmo modo, no que concerne aos jovens. Não se tratava de saber quem era cada um dos 90 jovens que anualmente fazem formação em artes (jovens-atores) na sede do CRIA: sua escolaridade, sua classe social, sua religião, o bairro em que residiam, a profissão e escolaridade de seus pais, número de irmãos etc. Não se tratava também de fazer a biografia dos, aproximadamente, 24 monitores, assistentes e orientadores dos grupos de artes da ONG. Não se tratava de mapear o conjunto de jovens que fazem formação em artes nas suas comunidades e no interior do Estado, através dos jovens-atores do CRIA, numa função que a instituição denomina dinamizador cultural.

Diferente disso, tratava-se de conhecer as narrativas, os procedimentos de inaugurar verdades em sua forma discursiva instituída e, por isso mesmo, interessava conhecer as criações, aquilo que os jovens criavam no CRIA. E, desde aí, fazer uma historicidade do jovem inscrito num campo relacional, numa discursividade histórica, discursividade da qual ele participou ativamente na construção.

Um estudo histórico, por assim dizer, era o que o campo empírico apresentava como possibilidade. Na perspectiva de Michel Foucault uma pesquisa que toma a história como método deve partir de um dado problema e procurar a partir dele percorrer, movimentar-se, deslocar-se no espaço geográfico que ele ocupa no plano dos saberes, no plano das ciências humanas. Este movimento é denominado pelo autor de desconstrução e ele é levado a efeito pelo procedimento descritivo, no qual o pesquisador faz texto das dispersões/descontinuidades que o objeto mostra no espaço geográfico que sua historicidade percorre.

Saber, mesmo na ordem histórica, não significa “reencontrar” e sobretudo não significa “reencontrar-nos”. A história será “efetiva” na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. [...] É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (Foucault, 1979 apud Rago, 1995).

Instalado, então, o modo de fazer pesquisa, o objeto de estudo, qual seja a constituição histórica da ONG e dos jovens-atores, foi tomado como um objeto de cultura, como um artefato, uma arte singular que ganha valor pela historicidade que incorpora (DE CERTEAU, 1995; RAGO, 1995).

Consoante a isto, fazer uma pesquisa histórica é abrir o campo de visibilidade para as relações de saber-poder, na medida em que historicizar é escrever, é fazer texto, é inscrever algo no corpo da linguagem; ficcionar narrativas em favor de um determinado grupo ou de outro. Michel Foucault (1999a; 1999b) nomeia de genealogia

este modo de “tomar a palavra”, este modo de “contar uma história”, modo este que faz possível modificar as relações de força estabelecidas num dado jogo de poder.

Assim, os procedimentos de arquivo praticados no texto da pesquisa foram ordenados a partir de dois marcadores. Um deles centrado neste experimento de ‘tomar a palavra, contar uma história’ sobre o que a ONG construiu no espaço de tempo da vida dos jovens. O outro orientado para ‘tomar a palavra, contar uma história’ da experimentação e formação em artes que o CRIA oportuniza.

Essas narrativas expressam a formulação de uma linha de ação nova para a educação com arte da ONG, e a nomeação de si que os jovens passam a construir quando a arte interfere no conjunto de práticas cotidianas de seu viver: ir a escola, estar com os amigos, com a família, e nas mais variadas práticas urbanas, artístico-culturais, afetivas, sociais etc.

## II - A JUVENTUDE COMO SIGNO DA MODERNIDADE

Falar da experiência de viver ou das experiências de forjar a elaboração de si mesmo em um tempo dado da vida, não é algo que se nos dá de imediato. Um árduo trabalho, um ativo fazer se nos apresenta quando colocamos para nós um problema sobre *o que somos, o que pensamos ou fazemos* (FOUCAULT, 2000).

Formular um diálogo sobre a juventude numa outra posição e lugar é o exercício no qual a pesquisa objetivava experimentar-se: a juventude como inacabamento e cujos nomes ainda aguardam suas pronúncias.

Assim posto, o problema evidenciava sua complexidade, mas colocá-lo deste modo se apresentava mais generoso, uma vez que se permitia acolher o existir em suas transitoriedades e incertezas, tomando-o em alguma poética, numa arte.

A arte talvez seja o mote para apresentarmos a questão. Ao menos se seguirmos a interpretação dada por Foucault (2000, p. 344), acerca das análises de Baudelaire, sobre a experiência de ser moderno; em que um agir ativo sobre o presente vivido expõe o homem a arte da transfiguração, e a arte mesma é a obra dessa ‘heroificação’ do presente. “O homem moderno para Baudelaire, não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida, ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo. Essa modernidade não libera o homem em seu ser próprio; ela lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo” (p. 344).

A narrativa elaborada sobre a juventude, na experiência e formação em artes desenvolvida no CRIA, apresenta-se aos jovens como uma tarefa de elaborar a si mesmo tendo o fazer arte como território para acolher este experimento. Este aspecto aproxima as propostas educativas da ONG de uma certa tendência minoritária da experiência de modernidade. Não de qualquer modernidade. Dessa que Foucault (2000, p. 341) extrai de suas leituras de Baudelaire e que denomina de “*uma atitude, uma escolha voluntária que concerne à atualidade, ao presente vivido e que toma por tarefa a arte de fazer-se dele, numa relação que busca a invenção de si mesmo*”.

Ser moderno ... é ... um modo de relação que é preciso estabelecer consigo mesmo ... Ser moderno não é aceitar a si mesmo tal como se é no fluxo dos momentos que passam; é tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura ... (p. 344).

Na perspectiva que Foucault (2000) destaca de Baudelaire, seria necessário ainda outros encontros para uma experiência de modernidade constituir-se como atualidade numa dada obra, invenção, ou experiência de ser: a da consciência da

descontinuidade do tempo, a transfiguração do presente, e uma elaboração de si que só acontece no terreno da arte.

Foi tomada por esta provocação que inscrevi no corpo da pesquisa a experiência da juventude como signo de uma interrogação histórica, de modo tal que isso que denominamos de modernidade figurasse como operador conceitual da temática juventude enquanto experiência de tempo, de invenção de si, de transformação da vida e de criação estética propriamente dita, na experiência de fazer-se.

De outra parte, é preciso ainda alojar este empreendimento no terreno de uma interrogação crítica, de modo que a juventude “ao tomar a palavra, ao contar uma história” operasse em favor de uma crítica a tendência dominante da modernidade que circunscreve suas ações em torno de “um programa contra o medo” (GIACÓIA JUNIR, 2009), no qual a juventude figura como alvo de ininterruptas capturas. A aposta seria a de que a juventude pode ser tomada como experiência em que a própria cultura encontra chances de se refundar, na medida em que seus nomes podem ser narrados desde as práticas de invenção de si e da cultura artística local.

Foucault (2000), ao tratar da interrogação sobre o significado do Iluminismo para a modernidade o faz dialogando com um escrito de Kant de 1784, sobre esse mesmo problema: *o que somos, o que pensamos ou fazemos*. Localiza neste escrito a emergência de uma experiência singular expressa no pensamento de Kant e que abre o campo da tarefa de fazer filosofia, para responder a problemas do presente.

Ora, a maneira pela qual Kant coloca a questão da Aufklärung é totalmente diferente: nem uma época do mundo à qual se pertence, nem um acontecimento do qual se percebe sinais, nem a aurora de uma realização ... No texto sobre a Aufklärung a questão se refere à pura atualidade. Ele não busca compreender o presente a partir de uma totalidade ou de uma realização futura. Ele busca uma diferença...(p. 337).

Especificamente Foucault (2000) fala sobre o modo como Kant faz operar seus argumentos sobre o uso da razão, ou aquela qualidade que distingue o homem do século XVIII do de outros tempos, a saída da menoridade.

... a “saída” que caracteriza a Aufklärung é um processo que nos liberta do estado de “menoridade”. E por “menoridade” ele entende um certo estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de algum outro para nos conduzir nos domínios em que convém fazer uso da razão ... a Aufklärung é definida pela modificação da relação preexistente entre a vontade, a autoridade e o uso da razão (p. 337).

Então, a ênfase dada no texto de Foucault (2000) está em que Kant opera entre uma reflexão histórica e crítica sobre o valor da Aufklärung para o século que se está instalando. Dali em diante, o modo preexistente de ordenar o uso da razão e, portanto, conduzir-se na vida, muda drasticamente. Conforme Foucault (2000, p.338), “... desde o primeiro parágrafo [Kant] enfatiza que o próprio homem é responsável por seu estado de menoridade ... É preciso conceber então que ele não poderá sair dele a não ser por uma mudança que ele próprio operará em si mesmo”.

Retomemos agora o tema da juventude. Um primeiro movimento que se apresenta é pensar a juventude como experiência atual, como diferença que permite experimentar o diálogo com o presente sem tomá-lo em uma totalidade ou se responsabilizar em predizer um futuro.

Este procedimento de pôr uma interrogação crítica ao tempo presente pela presença vivida da experiência juvenil é aproximar-se da possibilidade de fazer uma

crítica ao presente; pensá-lo naquilo que tem de potência e força de invenção. Nesta perspectiva, aproximar a juventude do fenômeno da modernidade, enquanto pensamento do presente, que opera uma crítica naquilo que é, faz e pensa ganha aqui uma significação potente: a de que ela pode funcionar como “elemento e agente” desse processo para si e para a cultura.

Retornemos então, para o diálogo que Foucault (2000) propõe acerca do fenômeno das Luzes para a modernidade ocidental, no que se refere à saída da menoridade, ou do uso universal da razão.

Ocorre que o empreendimento de sair da menoridade, apresentado por Kant, segundo a análise de Foucault (2000, p. 338), está para um empreendimento de fronteira, uma tarefa que faz divisar o homem desde o fenômeno da Aufklärung como um *Aude saper*, como aquele que tem “audácia de saber”, aquilo para o qual é preciso que se “tenha coragem”.

Este movimento de sair da menoridade definido como experiência de coragem, parece imprimir neste fazer-se moderno necessariamente uma arte de herói; uma audácia para estar no lugar em que a vida se processa, no lugar em que acontece o existir. Neste sentido, sair da menoridade tem uma aproximação com a perspectiva de “heroificação do presente” apontada por Foucault (2000, p.342) como atitude de criação estética de si, a partir do pensamento de Baudelaire.

... a modernidade não é um fato de sensibilidade frente ao presente fugidio; é uma vontade de “heroificar” o presente ... uma atitude ... dotada de imaginação ativa ... um trabalho de transfiguração ... em que o alto valor do presente é indissociável da obstinação de imaginar, imaginá-lo ... e transformá-lo não o destruindo, mas captando-o no que ele é ... (p. 342 - 344).

Esta experiência com o presente, tomada desde a perspectiva de uma reflexão crítica, e seguindo a interpretação de Foucault (2000, p. 341), se desenrola num movimento de conjunto e em várias direções. O aspecto a ser ressaltado é o de que “cada um, individualmente, é responsável por esse processo de conjunto”, o de fazer a humanidade deixar o estado de menoridade, o de conduzir a si e ao conjunto da coletividade, “ao uso livre e público da razão”.

É neste aspecto que se faz o enlace entre uma reflexão histórica e crítica da experiência juvenil como objeto de interrogação da cultura; da experiência de modernidade em cada um e todos nós.

Dito de outra forma. Os diálogos da cultura com os jovens quando situado enquanto tarefa, para com o tempo presente podem conferir potência para os enlaçar num “jogo de liberdade com o real para sua transfiguração”, para a elaboração de si próprio “como sujeito autônomo”, para “a invenção de si e do mundo” (KASTRUP, 1999). E seguindo a leitura radical de Baudelaire apresentada por Foucault (2000), é somente na arte como obra que se pode experimentar a real liberdade da transfiguração do presente e produção de si.

## REFERÊNCIAS

- DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- \_\_\_\_\_. Michel. *A invenção do cotidiano. As artes de fazer*. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DIAS, Rosa Maria. *A Influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em o Nascimento da Tragédia*. Cadernos Nietzsche. V. 3. Ano: 1997.

ESCOLA e Comunidade: Um Diálogo Necessário. Design: Léo Brasileiro. Concepção: Léo Brasileiro, Isabel Brasileiro, Sheilla Gomes. Vídeos: Tássia Batista e Daniel Araújo. Fotos: Arquivo CRIA. Fotos (Artes em Grafite): Rafael Calunga. Ilustração: Vânia Medeiros. Música: Léo Brasileiro. Pesquisa: Núcleo Pedagógico do CRIA: Eleonora Rabello, Jovens Dinamizadores Culturais. Assessoria: UNEB – Stella Rodrigues. Sem data.

ERIBON, Didier. A vida como obra de arte. In: *Michel Foucault. 1926-1984: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. “Aula de 07 de janeiro de 1976. In: *Em Defesa da Sociedade*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999a. pp. 03-26.

\_\_\_\_\_, Michel. “Aula de 25 de fevereiro de 1976. In: *Em Defesa da Sociedade*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999b. pp. 199-224.

\_\_\_\_\_, Michel. “1967 – Sobre as Maneiras de Escrever a História”. In: *Ditos e escritos II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução, Elisa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a. pp. 62 – 77.

\_\_\_\_\_, Michel. “1968 – Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia”. In: *Ditos e Escritos II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução, Elisa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b. pp. 82-118.

\_\_\_\_\_, Michel. “1984 – O Que São as Luzes?”. In: *Ditos e escritos II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução, Elisa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000b. pp. 335-351.

\_\_\_\_\_, Michel. As Ciências Humanas. In: *As palavras e as coisas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000c. pp. 475 – 536.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. Nietzsche: Perspectivismo, Genealogia, Transvaloração. In: *DOSSIE CULT. Nietzsche 100 anos*. São Paulo, agosto, 2000. pp. 46 – 51.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. *Uma aposta na coragem*. Disponível em: [www.cpflcultura.com.br](http://www.cpflcultura.com.br), Acessado 20 de agosto de 2009.

GIARD, Luce. A Invenção do Possível. In: De Certeau, Michel. *A cultura no plural*. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1995. pp. 07-16.

GIL, Gilberto. [Feira de Água de Meninos]. In: *Álbum Louvação*. Letra: José Carlos Capinam. Música: Gilberto Gil. Gravadora: Universal Music Brasil, 1967. LP.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

\_\_\_\_\_, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2005. 187 p.

\_\_\_\_\_, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 202 p.

MILET, Maria Eugênia Viveiros. *Uma tribo mais de mil: o teatro do CRIA*. 2002. 130 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Dança e Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

MILET, Maria Eugênia Viveiros e DOURADO, Paulo. *Manual de Criatividades*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/EGBA, 4 ed., 1998.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no Século XX. Vol. 2*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, São Paulo,